

## ANÁLISE DA LEITURA DE GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Weslei Viana Alves<sup>1</sup>  
Joilson Viana Alves<sup>2</sup>  
Dayane Moreira Lemos<sup>3</sup>

**RESUMO:** Tendo em vista os estudos acerca dos gêneros textuais, defendidos por Marcuschi (2005) e outros pesquisadores, o objetivo aqui proposto se funda a partir do questionamento de qual, ou quais, gêneros textuais são mais lidos na Escola Municipal Luiz Alves Barreto II, situada no município de Ibipeba-BA, a qual atende o ensino fundamental II. Realizamos um levantamento de dados sobre as obras lidas a partir da ficha que organiza a retirada e entrega dos livros da biblioteca pelos alunos. Concomitante a isso, investigamos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê estes estudos de gêneros textuais em sala de aula. Após o levantamento dos dados, catalogamos todas as obras lidas, segundo o seu gênero textual. Ao todo, foram catalogados 493 livros e 24 gêneros textuais, os quais alguns contaram com a “intertextualidade inter-gêneros”, conforme Ursula Fix (FIX, 1997, p. 97 *apud* MARCUSCHI, 2005, p. 31), ou “transmutação” de gênero, segundo Bakhtin (1997). Desse modo, foi notado que há gêneros mais lidos e menos lidos. Assim, foi possível refletir acerca dos estudos de gêneros textuais conforme a BNCC norteia. Os dados obtidos durante a pesquisa foram organizados e tabulados, abordando do gênero mais lido ao menos lido, a fim de uma melhor organização dos dados obtidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Portuguesa. Gêneros textuais. Leitura. Ensino.

### Introdução

Para Marcuschi (2005, p. 19), os gêneros textuais podem ser entendidos como “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. Nesse sentido, o autor completa afirmando que os gêneros não podem ser considerados como “instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, ao invés disso, caracterizam-se como eventos textuais maleáveis, dinâmicos e plásticos que surgem concomitante às atividades socioculturais” (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Assim, os “gêneros permitem-nos trazer para a consciência conhecimentos culturais compartilhados a partir da descrição de inúmeras formas linguísticas utilizadas para interagir socialmente, além de nos permitir refletir criticamente sobre como a cultura nos envolve”

<sup>1</sup> Graduando em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus XVI - Irecê-BA).

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura Plena em Ciência Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2014).

(EGGINS, 2004, p. 84 *apud* SILVA; ESPINDOLA, 2013, p. 272). A interação social seja por meios orais ou escritos são compostas por gêneros textuais, fazendo-se presentes cotidianamente na comunicação humana.

Nessa perspectiva, Wittke (2012) sintetiza as ideias acima referentes aos gêneros textuais da seguinte forma:

O gênero textual refere-se aos diferentes formatos que o texto assume para desempenhar as mais diversas funções sociais, ressaltando suas propriedades sociocomunicativas de funcionalidade e de intencionalidade. Nesse domínio, são artefatos culturais historicamente construídos e usados pelo homem. Eles apresentam diferentes caracterizações, com vocabulários específicos e empregos sintáticos apropriados, em conformidade com o papel social que exercem. Sob tais condições, compete ao professor de língua criar oportunidades para que o aluno estude (lendo, desconstruindo, analisando e reconstruindo) os mais diversos gêneros textuais, sua estrutura e funcionalidade, para que se torne capaz não só de reconhecê-los e compreendê-los, mas também de construí-los de modo adequado, em seus variados eventos sociais (WITTKE, 2012, p. 21).

Assim, com a primazia do estudo de gêneros textuais, cabe analisar quais desses os alunos leem com mais frequência, e analisar como a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC) orienta os professores para trabalharem tal conteúdo em sala de aula.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é expor o fruto de uma pesquisa em relação à análise da leitura sobre gêneros textuais, realizada em uma escola de nível fundamental II, localizada no município de Ibipecta-BA. A pesquisa investiga os gêneros textuais mais procurados pelos alunos, correlacionando-os aos gêneros catalogados no acervo que se encontra na biblioteca da escola. O estudo partiu de algumas indagações, como: estes alunos leem? Caso a resposta seja afirmativa para este questionamento, surge uma nova indagação: quais os gêneros textuais que estes sujeitos mais leem? A partir destas afirmativas e questionamentos, bem como considerando a importância da leitura de gêneros textuais dentro de sala de aula, é possível analisar como os gêneros textuais refletem nas leituras dos alunos, levando em consideração a sua cultura de leitura, para então, o professor trabalhar um gênero textual que condiz com a realidade do aluno, de modo que estejam mais familiarizados com tal escrita.

A relevância de se trabalhar gêneros textuais em sala de aula parte da ideia de que o ensino e aprendizagem dos alunos não fiquem delimitados apenas em um universo restrito do conhecimento, mas que possa proporcionar ao aluno diferentes possibilidades de textos

que podem ser lidos, uma vez que cada gênero textual possui características que podem se diferenciar uns dos outros, principalmente no que diz respeito ao conteúdo, posicionando de forma complexa determinados gêneros, e em outros nem tanto. Nesse sentido, Silva (2010) apresenta tanto o ponto de vista dos estudos de gênero textual quanto dos estudos da tipologia textual. A respeito dessa temática, o mesmo autor comenta sobre o pensamento do pesquisador Marcuschi, afirmando que:

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE) defende o trabalho com textos na escola a partir da abordagem do *Gênero textual*. O autor não demonstra favorabilidade ao trabalho com a *Tipologia textual*, uma vez que, para ele, o trabalho fica limitado, trazendo para o ensino alguns problemas, vez que não é possível, por exemplo, ensinar narrativa em geral, porque, embora possamos classificar vários textos como sendo narrativos, eles se concretizam em formas diferentes — gêneros — que possuem características específicas. (SILVA, 2010, p. 64)

Partindo da ideia de que, um livro ao ser selecionada para leitura por um aluno, certamente não encontrará, por exemplo, uma injunção para a sua leitura, mas sim, um manual de instrução, o que nos permite afirmar que a escrita parte do gênero textual, e não do tipo textual. Sobre os termos “tipo textual” e “gênero textual”, Marcuschi (2008) os diferencia do seguinte modo:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequência linguística (sequência retórica) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. O conjunto de categorias para designar *tipos textuais* é limitado e sem tendência a aumentar. (MARCUSCHI, 2008, p. 154)

Enquanto que os gêneros textuais são:

(...) textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração da força histórica, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Nessa conjuntura, é perceptível as limitações que existem nos tipos textuais que, como citado, são limitados, além do mais, não considera o texto enquanto ao seu conteúdo, mas sim, leva em consideração a parte técnica como os aspectos sintáticos, lógicos e verbais. Diferentemente dos gêneros textuais que considera a relação sociocomunicativa do texto.

Marcuschi (2005) salienta ainda o equívoco encontrado nos livros didáticos quando se define tipo textual, que acaba por deixar duvidoso e confuso o verdadeiro sentido do tipo textual. As definições encontradas nesses livros estariam relacionadas com gênero textual, o que acaba por dificultar o aprendizado e o reconhecimento dos gêneros por parte dos alunos, podendo, em vezes, deixá-los confusos.

Ao que se refere aos gêneros textuais, que de fato é o que desperta o nosso interesse como profissionais da educação, são suas características sócio-históricas, que independentemente dos tempos, há uma representação de gênero para dar conta dos textos que se manifestam, seja ele oral ou escrito, da mesma forma com que os novos meios de comunicação via texto estão presentes e sempre se inovando. As mensagens instantâneas são um exemplo de gênero textual que surgiu através de meios tecnológicos que necessitam de uma resposta imediata. O suporte comumente utilizado para esta espécie de texto é o celular, especificamente em alguns casos as redes sociais. Cabe aqui frisar os e-mails, que não instantaneamente pode haver uma resposta, mas já é uma considerável evolução se comparado a cartas que podem levar semanas para chegar ao seu destino.

Para definirmos especificamente a questão de gêneros textuais, pode-se entender o “gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2005, p. 22-23). Sendo inúmeros, infere-se que é impossível de serem citados e/ou serem discutidos todos em sala de aula. Todavia, é de fundamental importância que os alunos tenham o conhecimento, até mesmo da existência incontável dos gêneros, certamente nenhum aluno aprenderá todos os gêneros de textos em apenas um ano letivo, pelo contrário, este processo de aprendizado dos gêneros textuais se trata de uma construção que é feita durante toda a vida escolar do aluno, com os gostos de leituras que vão surgindo, saindo das leituras mais “simples” (que seria aquelas que não necessitam de um universo complexo de conhecimento prévio para a sua compreensão), ao mais “avançado”,

consequentemente se tornem mais longos e “complexos”, e necessitam de um maior conhecimento prévio.

## 1 Metodologia

O município de Ibipeba está localizado na Microrregião de Irecê, no estado da Bahia. Distante, aproximadamente, 523 km da capital Salvador, possui uma população com cerca de 18.678 habitantes, em um território com 1.417 km<sup>2</sup>, dividido em sede (Ibipeba) e 26 distritos (comumente chamados de povoados) (IBGE, 2017). Em sua sede é possível encontrar três escolas do sistema público de ensino, organizadas de modo que cada uma atende alunos de Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio. O local escolhido para coleta de dados foi a Escola Municipal Luiz Alves Barreto II devido as séries que se posicionam após o ensino fundamental I e que antecedem ao ensino médio, ou seja, está no intermédio da educação básica, além disso, encontra-se nesta escola alunos de outros distritos próximos, o que pode caracterizar uma cultura de leituras diversa.

A pesquisa foi desenvolvida com alunos do 6º ao 9º ano da referida escola. Inicialmente, foi realizada uma visita à biblioteca da escola, com o interesse de investigar os livros retirados para leitura. Para tanto, buscamos o acesso à ficha de empréstimos de livros, a qual contém as informações tanto do leitor quanto do livro.

Posteriormente foi necessária uma catalogação de cada texto, utilizando de uma ferramenta digital para facilitar este processo de identificação de cada um dos livros. Este processo foi necessário de modo que pudesse ser colocado cada livro de acordo com a sua função sócio comunicativa, ou seja, o seu gênero. A utilização da ferramenta digital Excel, além de facilitar a organização dos dados durante a pesquisa, pôde proporcionar uma tabela, para visualizar de forma nítida o que os alunos da escola pesquisada leram no período de 21 de fevereiro de 2018 a 10 de julho de 2018.

## 2 Resultados e discussão

Após análise e catalogação dos livros, foi possível adquirir resultados como: a quantidade de livros lidos no primeiro semestre letivo do ano de 2018; como a BNCC prevê os trabalhos de gênero textual em sala de aula; recorrência de um gênero textual específico na leitura dos alunos a importância de ser trabalhado este gênero textual específico em sala

de aula, bem como alguns outros que aparecem corriqueiramente na escolha de leitura pelos alunos; como a leitura de história em quadrinhos e semelhantes se refletem na leitura dos alunos.

No resultado da pesquisa foi observado que em alguns livros é possível encontrar o que Ursula Fix (FIX, 1997, p. 97 *apud* MARCUSCHI, 2005, p. 31) chamou de “intertextualidade inter-gêneros” quando se refere aos textos escritos com o propósito de ser um gênero específico, porém assume a função de outro. Este fato é tão recorrente que às vezes se torna difícil de caracterizar os suportes como apenas um gênero predominante. Para Marcuschi (2008, p. 147) “o suporte não determina o gênero”, usando como exemplos os suportes analisados durante este artigo que foram apenas livros que demandou em uma variação de gêneros, da mesma forma que através de um outro suporte, como o celular, podemos acessar outra infinidade de gêneros textuais. Em casos que não seja possível identificar a predominância de um gênero textual específico tem-se a necessidade de classificar o suporte com mais de um gênero. Outros autores como Bakhtin (1997) retratam a respeito, porém, denominado por ele como “transmutação” de gênero (BAKHTIN, 1997, p. 407), nesse sentido:

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros dos discursos e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, neste ponto, levar em consideração a diferença essencial entre gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero do discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. — aparecem em circunstância de uma de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante todo o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se construíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. (BAKHTIN, 1997, p. 282).

No decorrer do resultado das análises, será notado que em algumas vezes a tabela apresenta mais de um gênero, justamente por conta desta intertextualidade inter-gêneros e/ou transmutação de gênero. Exemplos que podem ter ocorrido estes fatores seriam: universos fictícios contendo monstros imaginários, nos quais o personagem principal se aventura por terras desconhecidas, enfrentando monstros que nelas habitam. Este rápido exemplo contém alguns fatores que seriam utilizados para categorizá-lo: o universo que o personagem principal vive é um lugar ficcional (podendo ser uma ficção ou fantasia), os personagens não

são reais (podendo ser uma fábula, conto de fadas, ficção fantástica infantil ou até mesmo ficção fantástica infantojuvenil), a característica de aventura se dá pela soma de todo o contexto geral em que o personagem passa ao longo da história.

Talvez por conta de toda esta complexidade de identificação de gênero textual as funções sociocomunicativas específicas não são identificadas facilmente, em alguns casos. Conforme Travaglia (2007, p. 41), “o gênero se caracteriza por exercer uma função sociocomunicativa específica. Estas nem sempre são fáceis de explicar”. Quando essas funções se somam, formam novos gêneros, o que torna difícil a identificação de um único gênero predominante.

Os dados da análise dos gêneros textuais obtidos na Escola Municipal Luiz Alves Barreto II tiveram o seguinte reflexo: catalogação de 493 livros, contudo, a variação de gêneros textuais foi delimitada em 24 grupos, desconsiderando as intertextualidades intergêneros que se manifestaram em alguns casos. Neste campo de análise, o número de alunos da instituição de ensino equivale a 314, logicamente pouco mais de um livro lido por aluno, porém, é trivial que alguns leem, enquanto outros nem tanto, podendo haver aqueles que durante este período de coleta de dados não tenham retirado livro da biblioteca para a sua leitura, o que efetivamente não significa que estes não leem, é inferido apenas que eles não leram livros daquele acervo em específico, naquele período de coleta.

Tabela 1 - Resultados dos gêneros textuais lidos pelos alunos<sup>4</sup>.

Gênero textual lido	Quant. de leituras
Romance	67
Conto de fadas; Ficção; Literatura infantil.	56
História em quadrinhos; Gibi; Hq	52
Conto	42
Conto de fadas	41
Religioso	25
Aventura; Ficção; Fantasia.	24
Poesia; Poema	22

<sup>4</sup> Os dados foram organizados de forma decrescente em relação à quantidade de leituras, partindo do mais lido ao menos lido, visando facilitar a visualização dos resultados obtidos durante a catalogação.

Literatura fantástica infantojuvenil	22
Literatura fantástica infantil	20
Ficção; Aventura; Literatura infantil	19
Ficção	16
Didático	14
Biografia	11
Aventura	10
Parlenda	8
Literatura infantil gótica	8
Autoajuda	8
Fábula	7
Comédia	7
Novela	6
Diário	3
Crônica	3
Folclore	2

Fonte: Elaborado pelos autores.

Notadamente, o gênero Romance se posiciona como o mais lido entre os alunos, totalizando 67 leituras. Livros como, por exemplo, *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e *Iracema* (José de Alencar) são alguns dos que se apresentam durante a catalogação, cânones da literatura brasileira. Na ficha catalográfica dos livros, que dispõe de algumas informações como: gênero do livro, ano de publicação, autor(es); estes dados colaboram para o processo de pesquisa. Nessa perspectiva, a intenção sociocomunicativa do escritor a ser transmitida para os leitores está representado segundo o gênero previamente descrito nesta ficha. Compreendendo desse modo que não apenas no gênero Romance, mas também nos outros há um pensamento prévio do gênero textual.

Conto de fadas, ficção, literatura infantil é o segundo mais lido, com um total de 56 livros retirados da biblioteca — *Branca de Neve*, *Cinderela* são alguns dos que os alunos



retiram para as suas leituras. Este posicionamento se reflete por apresentar seres fantásticos, princesas, bruxas em vezes se intertextualizam com desenhos animados, podendo em alguns casos haver uma versão animada, que tenha como base o livro para a recreação, esse fato chama a atenção das crianças, pois desperta a curiosidade delas, levando-as a ler. Inclusive, essas intertextualidades não são refletidas apenas no gênero conto de fadas, mas também em outra obra semelhante aquele que tomou a posição de terceiro mais lido.

História em quadrinhos, gibi, HQ (terceiro grupo de gênero mais lido), podendo ser acrescentado também o gênero mangá, que tem uma estrutura e uma função sociocomunicativa que se aproximam muito destes três outros gêneros. Comumente é possível encontrar referências em outros meios midiáticos em forma de desenho animado, tal como os animes. Na escola em questão, 52 livros foram retirados para leitura referente a estes gêneros textuais, os quais têm como característica marcante a leitura, sempre apresentando desenho, onomatopeias, que representam as ações dos personagens, também apresentando os textos em “balões”. A Turma da Mônica (Maurício de Souza) é o mais procurado pelos alunos. Quando se diz respeito a este gênero, pode-se inferir que pela leitura e com o conhecimento prévio das animações criadas, alguns alunos dos anos iniciais do ensino fundamental II optem por esta espécie de leitura.

Segundo Cirne (2000, p. 22), “as histórias em quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”. Neste gênero textual que envolve imagens, há uma linguagem utilizada excessivamente para representar sons, as onomatopeias. De forma didática, os professores podem utilizar deste gênero textual com o intuito de facilitar o aprendizado dos alunos para com o conteúdo abordado. Além disso, podendo trabalhar verbos, substantivos, adjetivos, enfim, uma série de conteúdos que podem ser buscados e trabalhados em sala de aula, uma vez que os alunos têm uma afinidade por um ou mais gêneros.

Segundo sugestão de Mendonça (2005), o gênero HQ não deve ser restringido a ser ensinado apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas defende que este gênero textual pode ser trabalhado também em outros componentes curriculares, pois o modo didático que se pode utilizar a partir dele é bastante flexível, inclusive ao que diz respeito a parte artística, que requer ilustrações para a composição efetiva deste gênero.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um importante documento que direciona como os conteúdos devem ser abordados nos seus diferentes níveis de ensino, seja em instituições de ensino públicas ou privadas, objetivando um ensino comum e igualitário. A BNCC sugere que os professores ensinem gênero textual em sala de aula, inclusive nas séries iniciais, ou seja, o ensino fundamental I, como, por exemplo, no código referente EI03EF07<sup>5</sup> que sugere “levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura” (BRASIL, 2018, p. 48).

Apesar de não ser o componente de Língua Portuguesa, existe a possibilidade de serem trabalhados os gêneros textuais em outras áreas de conhecimentos, como visto no componente curricular de Educação Física. Há nesta área de estudo e habilidade a ser trabalhada, como os questionamentos que diz respeito para um grupo de alunos com idades entre 4 e 5 anos de idade, da mesma forma que EI01EF08 “participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.)” (BRASIL, 2018, p. 48). No entanto, é destinado a crianças com idade de zero a 1 ano e 6 meses, mesmo aqueles que ainda não possuem o domínio da leitura terão contato como as áreas de compreensão oral de alguns gêneros textuais, como as fábulas (ocupando a posição de 19º mais lido com um total de leituras 7), que são lidas para crianças, assim como contos de fadas e poemas, sendo uma construção para o universo de compreensão daquele sujeito.

A BNCC sugere ao ensino fundamental II que parte da autonomia já obtida pelos alunos da capacidade de decodificar textos e compreender o conteúdo contido nele. O código EF89LP33 tem como sugestão

Ler, de forma autônoma, e compreender — selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes — romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como

<sup>5</sup> EI - Educação Infantil; 03- Indica o ano de ensino (neste caso 3º ano do ensino fundamental I); EF- componente curricular (Educação Física); 07- habilidade (esta que pode sempre alterar de acordo com o conteúdo que será trabalhado). Para uma melhor compreensão a respeito da BNCC e os códigos que identificam habilidades e competências, seu *download* está disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 ago. 2018.

haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BRASIL, 2018, p. 185).

A BNCC norteia que os professores, durante os estudos de gêneros textuais, não devem manter nenhum “engessamento” ao trabalhar apenas um ou outro gênero textual, justamente por conta da diversidade de gêneros textuais que podem ser encontrados em suportes diferentes, estando a escolha do aluno ler o que mais lhe desperta interesse. É importante notar que cada gênero textual tem características específicas, como o poema e a crônica, por exemplo. É fundamental esta autonomia por parte dos alunos de compreensão, identificação, e leitura destes textos, de tal forma que diante da necessidade de criação/identificação de um texto com um gênero específico possa facilmente reconhecê-lo/identificá-lo.

O universo de conhecimento dos alunos é construído a partir das suas vivências sociais em consonância com as suas leituras cotidianas. Assim, é importante que seja trabalhado tantos gêneros textuais quanto possíveis em sala de aula, de modo que a construção do hábito de leitura destes sujeitos se modifique, passando de um aprendizado oral (nas séries iniciais, pois ainda não terão o domínio da leitura) até saindo do mundo fictício do conto de fadas às leituras um tanto mais longas como os romances e as crônicas, que demandam de um conhecimento mais complexo por parte dos leitores.

De fato, as leituras dos alunos não se restringem apenas ao acervo de livros disponíveis em bibliotecas das escolas, podendo em vezes usufruírem da biblioteca municipal, uma vez que não encontrem o livro desejado na biblioteca escolar, ou desejam ampliar a sua leitura, utilizando também de outros suportes, com os meios digitais, que facilitam o acesso a diversos livros, e com este novo suporte o surgimento de outros gêneros. Fato também é que textos não são encontrados apenas em livros, sendo estes encontrados em *Outdoor*, redes sociais, *e-mail* que podem ser encontrados gêneros como: piada, legenda de foto, poesia, poema, comentários, ou até mesmo textos não verbais, dentre outros. Revistas, jornais e até mesmo *fake news* são gêneros que podem facilmente ser encontrados na internet, para além de uma rede social. Porém, estas variações de leituras em outros meios e suportes não foram consideradas durante a pesquisa, que teve como catalogação apenas os livros lidos no campo escolar, a biblioteca.

## Conclusão

Segundo os dados obtidos, há um favoritismo por parte dos alunos em um gênero textual específico — o romance — como há também o menos lido — o folclore. A partir destes resultados é possível, de acordo com o planejamento do professor, incentivar a leitura e/ou criação do gênero mais lido ou do menos lido pelos alunos, a depender dos objetivos que o professor deseja alcançar a partir do seu plano.

Foi notável também que a Base Nacional Comum Curricular norteia o ensino de gêneros textuais não somente pelo componente de Língua Portuguesa, mas também de outros componentes. Tendo em vista que a maioria dos componentes usam textos para a leitura de conteúdo, evidentemente que há um gênero a ser lido e a uma possível discussão sobre tal.

Quanto ao entendimento acerca dos gêneros textuais, compreende-se que são formados por textos, evidentemente, mas diferente do que muitos pensam, um texto não é apenas um amontoado de palavras, de modo que qualquer pessoa letrada facilmente o decodifica, para compreender a mensagem que o(a) autor(a) pretende passar. Há uma série de fatores que devem ser notados ao ser escrito, por exemplo, uma carta destinada a uma criança, certamente as palavras contidas no corpo do texto não terão uma característica rebuscada, com palavras utilizadas em um meio específico (como no meio jurídico), contudo, as informações devem considerar o universo de conhecimento da criança, bem como as palavras e seus significados devem estar contidas em seu vocabulário, caso contrário, mesmo podendo ser um texto bem desenvolvido para a leitura de uma pessoa com universo de compreensão maior, como um adulto, há a possibilidade de uma criança não ter o conhecimento das informações que o texto desejaria passar.

Com isso, podemos entender que o “texto não é formado apenas de elementos gramaticais e lexicais. O texto é um traçado que envolve material linguístico, faculdade e operação cognitiva, além de diferentes fatores de ordem pragmática ou contextual” (ANTUNES, 2010, p. 37). O conhecimento do leitor deve estar condizente ao que é selecionado para a sua leitura, por este motivo, e também considerando os personagens descritos nos textos, alguns alunos tiveram uma considerável afinidade ao gênero textual conto de fadas (que se posicionou como o segundo gênero mais lido), apresentando muitas vezes histórias com príncipes, princesas, bruxas etc.

A escolha de uma linguagem de escrita mais simples pelos alunos da escola em questão se dá justamente pelo entendimento que o aluno terá a partir daquela leitura, a fim de não se tornar uma leitura desagradável, sendo incompreensível não será prazerosa ao leitor. Portanto, a partir deste estudo podemos entender o padrão preferencial de leitura destes discente, abrindo, assim, caminho para que estes textos sejam trabalhados de forma mais eficiente em sala de aula à luz da BNCC.

## Referências

- ANTUNES, Irandé. *Análise de texto: fundamento e prática*. São Paulo: parábola editorial, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In.: *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.
- BRASIL. Ministério da Educação. Governo federal. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 ago. 2018.
- CIRNE, Moacy. *Quadrinhos, Sedução e Paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ibipeba>. Acesso em: 5 ago. 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- MENDONÇA, Maria Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org). *Gêneros textuais e ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- SILVA, Sílvio Ribeiro da. Gênero textual e tipologia textual. *SOLETRAS*, São Gonçalo, ano X, n. 20, p. 64-75, jul./dez, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/issue/view/2103>. Acesso em: 4 ago. 2018.
- SILVA, Wagner Rodrigues; ESPINDOLA, Elaine. Afinal, o que é gênero textual na linguística sistêmico-funcional? *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 34, p. 259-307, Jan./Jun, 2013. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista>. Acesso em: 7 ago. 2018.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A categorização das categorias de textos: tipo, gênero e espécies*. São Paulo: Alfa, 2007.
- WITTKE, Cleide Inês. O trabalho com o gênero textual no ensino de língua. *Caderno de Letras*. Pelotas, n. 18, p. 14-32, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/issue/view/774>. Acesso em: 7 ago. 2018.